MAQUIAVEL, GARIBALDI E A RELIGIÃO

O terceiro e brevíssimo bloco da obra *O Príncipe*, de Maquiavel, é constituído pelos capítulos XXIV a XXVI. Neles, o autor estabelece uma ligação directa ao momento político italiano, considerando que, apesar da gravidade da situação, lhe parece estarem reunidas condições verdadeiramente únicas para um movimento regenerador. Daí o apelo que dirige a Lorenzo de Medici, a quem garante *«que concorrem tantas circunstâncias em favor de um príncipe novo, que não sei de outra ocasião que pudesse ser mais propícia para este efeito»*. Este incitamento para que tomasse em mãos a tarefa de UNIR os italianos e livrar a Península do domínio dos bárbaros (estrangeiros) iria, segundo Maquiavel, ao encontro de um generalizado sentimento popular que, de há muito, ambicionava o aparecimento de um REDENTOR, capaz de corresponder a essa ânsia de liberdade. Esta inovadora manifestação de *italianismo*, de conteúdo indubitavelmente revolucionário, não passaria despercebida no contexto cultural das gerações vindouras. Daí que, trezentos anos mais tarde, durante as movimentações políticas do *Risorgimento* (1848-1861), estes textos finais tenham sido amplamente utilizados pelos movimentos patrióticos e nacionalistas que conduziram à unificação de Itália.

Não surpreende, por conseguinte, que haja no pensamento político de Giuseppe Garibaldi diversos pontos comuns com o de Maquiavel. Sendo ambos republicanos convictos, haviam colocado a ideia da Itália unida acima das suas próprias preferências ideológicas, não hesitando, cada um à sua maneira, em se disponibilizarem para apoiar um príncipe, por nele verem a forma mais provável de alcançar a almejada unificação. Vítor Emanuel II seria, para Garibaldi, o que Lorenzo de Medici, duque de Urbino e Senhor de Florença, representara para Maquiavel.

Qualquer dos dois ilustres italianos sabia que o principal obstáculo para a unificação se encontrava na existência dos Estados Pontifícios, autêntica barreira geopolítica que inviabilizava esse patriótico desígnio, separando o Norte e Centro do Sul de Itália. E se, do

ponto de vista político, o inimigo romano estava perfeitamente identificado e com as suas tropas atrás das respectivas fronteiras, também era indesmentível que a generalidade do clero italiano – do Piemonte à Calábria, da Sardenha à Sicília – operava, a coberto do múnus sacerdotal, como agência ideológica de resistência a qualquer movimento unificador. Daí que o combate protagonizado por Maquiavel e Garibaldi, por motivos políticos, possa parecer – embora muito erradamente – uma cruzada contra a religião. Só por ligeireza de análise ou escassez de conhecimentos se poderá concluir desse modo.

Pela parte que toca ao grande pensador florentino, convém recordar que estava bem ciente das fraquezas humanas quando afirmava:

> ...os homens nunca fazem nada de bem a não ser por necessidade.[1]

...ideia que especificava, noutra obra, acrescentando que são

> ...ingratos, volúveis, fingidos e dissimulados, fugidios aos perigos, ávidos do ganho.[2]

Com semelhante juízo sobre a natureza humana, não surpreende que Maquiavel, sempre por motivos políticos, louvasse a solução que lhe pareceu mais adequada para contrabalançar essas tendências menos virtuosas – justamente a **RELIGIÃO** – quando foi aos primórdios de Roma para tecer as seguintes considerações:

> Embora Roma tivesse em Rómulo o seu primeiro ordenador e a ele se tenha que reconhecer, como se fosse uma filha, o seu nascimento e a sua educação, ainda assim, julgando os Céus que as leis de Rómulo não bastassem para tão grande Estado, inspiraram o Senado romano a eleger Numa Pompílio como seu sucessor, a fim de que aquelas coisas que ele tivesse negligenciado fossem por Numa convenientemente ordenadas. Este, encontrando um povo ferocíssimo e pretendendo conduzi-lo à obediência civil de forma pacífica, voltou-se para a religião como coisa de todo necessária para manter um clima de civilidade; e fê-lo de tal modo que, por muitos séculos, não houve, em parte nenhuma, tanto temor de Deus como naquela república, o que facilitou qualquer empresa a que o Senado ou os grandes homens romanos entendessem meter ombros.[3]

Para Maquiavel, o ***Temor de Deus*** funcionava, assim, como instrumento da política, servindo para contrariar a tendência dos homens para a maldade e a fuga à obediência civil. Mais adiante, Maquiavel extrai, também, as vantagens do culto religioso para a formação da grandeza política:

> Assim como a observância do culto divino é causa da grandeza das repúblicas, o desprezo do culto é causa da sua ruína, porque, onde falta o temor de Deus, ou o estado desaparece ou precisa de ser sustentado pelo temor de um príncipe que supra a falta da religião.[4]

---

[1] *Discursos*, L. I – cap. III.
[2] *O Príncipe*, cap. XVII.
[3] *Discursos*, L. I – cap. XI.
[4] *Ibidem*.

Mas a importância atribuída por Maquiavel à religião não o impedia de ser bem severo para com a Igreja de Roma do seu tempo, severidade essa que, embora impulsionada por motivos políticos, não deixava de lado considerações de ordem moral inteiramente justificadas:

> Esta religião, se no início da república cristã se tivesse mantido nos precisos termos em que o fundador da mesma a ordenou, faria com que os Estados e repúblicas cristãs fossem mais unidos e bastante mais felizes do que são. Não há modo de concluir de maneira diferente, perante o declínio dessa religião, uma vez que é notório que são justamente os povos que se encontram mais próximos da Igreja romana – cabeça da nossa religião – que denotam menor devoção por ela. E, quem considerasse os seus fundamentos e visse como os hábitos presentes são diferentes daqueles seria levado a temer que não tardaria a desabar a ruína ou o flagelo divino.
>
> E dado que muitos são de opinião de que a prosperidade das cidades de Itália se deve à Igreja de Roma, quero, para contrariar essa ideia, discorrer sobre as razões que, a propósito, me ocorrem. E alegarei duas razões de grande peso, as quais, na minha opinião, são incontestáveis: a primeira é que, pelos exemplos negativos daquela corte, a Itália perdeu toda a devoção e toda a religião, o que tem provocado infinitos inconvenientes e infinitas desordens, porque, assim como onde há religião se pressupõe todo o bem, também onde ela está ausente, se pressupõe o contrário. Nós, Italianos, temos, portanto, com a Igreja e com os nossos padres, esta primeira dívida de termos ficado sem religião e de nos termos tornado maldosos. Mas ainda temos outra dívida maior, que constitui a segunda causa da nossa ruína: é que tem sido por causa da Igreja que a Itália se tem mantido dividida. E, na verdade, nunca nenhuma província logrou ser unida e feliz se toda ela se não submete a uma só república ou a um só príncipe, como sucede com a França e com a Espanha. E a razão pela qual a Itália não se encontra numa situação idêntica, de modo que também ela tenha uma república ou um príncipe que a governe, é unicamente por responsabilidade da Igreja, porque, tendo ela estabelecido aqui a sua sede e exercido o poder temporal, nunca foi suficientemente poderosa nem de tanta virtude que lograsse o domínio de toda a Itália e dela se fizesse príncipe.[5]

Três séculos mais tarde, Giuseppe Garibaldi, nas suas *Memórias Autobiográficas*, expressava, sobre Roma e a sua Igreja dos anos imediatamente anteriores à unificação, uma opinião convergente com a de Maquiavel. Mantinha o respeito pela religião e, porventura, era ainda mais severo na censura aos seus ministros:

> Roma! E Roma.... não devia parecer-me senão a capital do mundo: hoje, parece-me a capital da mais odiosa das seitas. A capital de um mundo, das suas sublimes ruínas, imensas, onde se reencontram aglomeradas as relíquias de tudo quanto no passado teve maior grandeza, capital de uma seita, outrora seguidora do Justo libertador dos servos, instituidor da igualdade humana por ele enobrecida, abençoado por infinitas gerações com sacerdotes apóstolos do direito dos povos. Hoje,

[5] *Ibidem*, L. I – cap. XII.

> estão de tal modo degenerados que se tornaram no verdadeiro flagelo de Itália, que venderam ao estrangeiro setenta e sete vezes!

Na mesma obra, referindo-se aos combates travados durante as campanhas para a Unificação de Itália, a censura de Garibaldi ao clero italiano expressa-se, igualmente de forma cortante, no atinente à influência dos clérigos no comportamento político dos camponeses:

> Não se iludam os nossos concidadãos quanto ao comportamento dos habitantes do campo. Enquanto forem dominados pelos padres e regidos por um governo imoral, os camponeses, como os padres, estarão sempre dispostos a trair a causa nacional.

A luta comum de Maquiavel e Garibaldi pela unificação de Itália, à custa da extinção do vasto território pontifício, teria o seu acto final e vitorioso, em 20 de Setembro de 1870, com a rendição das tropas do papa Pio IX às mãos do exército italiano do general Cadorna. Indro Montanelli[6] traçou, desse momento histórico, o seguinte retrato:

> Quando as vanguardas entraram na cidade, encontraram as ruas semidesertas. Mas tudo mudou quando os *bersaglieri* irromperam em massa. Então, o entusiasmo explodiu. Nos jornais italianos, podia ler-se que os Romanos desafogavam "a vergonha" de terem suportado durante tantos séculos "a infame tirania sacerdotal". Disto temos dúvidas, ainda que, para uma pequena minoria fosse verdade. Aquilo que desafogavam eram os rancores da miséria. Para uma população de 230.000 habitantes, existiam 50.000 desempregados e 30.000 mendigos, diariamente ofendidos pelos luxos e pompas de uma Cúria e de uma aristocracia igualmente opulentas. A cidade encontrava-se suja e maltrapilha. Os seus escandalosos contrastes estavam patenteados na própria arquitectura: esplêndidos palácios encastrados numa rede de tugúrios.

David Martelo – Junho de 2016

[6] *Storia del Regno d'Italia – 1861-1946 – Roma Capitale.* Edição de *Il Giornale*, Milão, 1993.